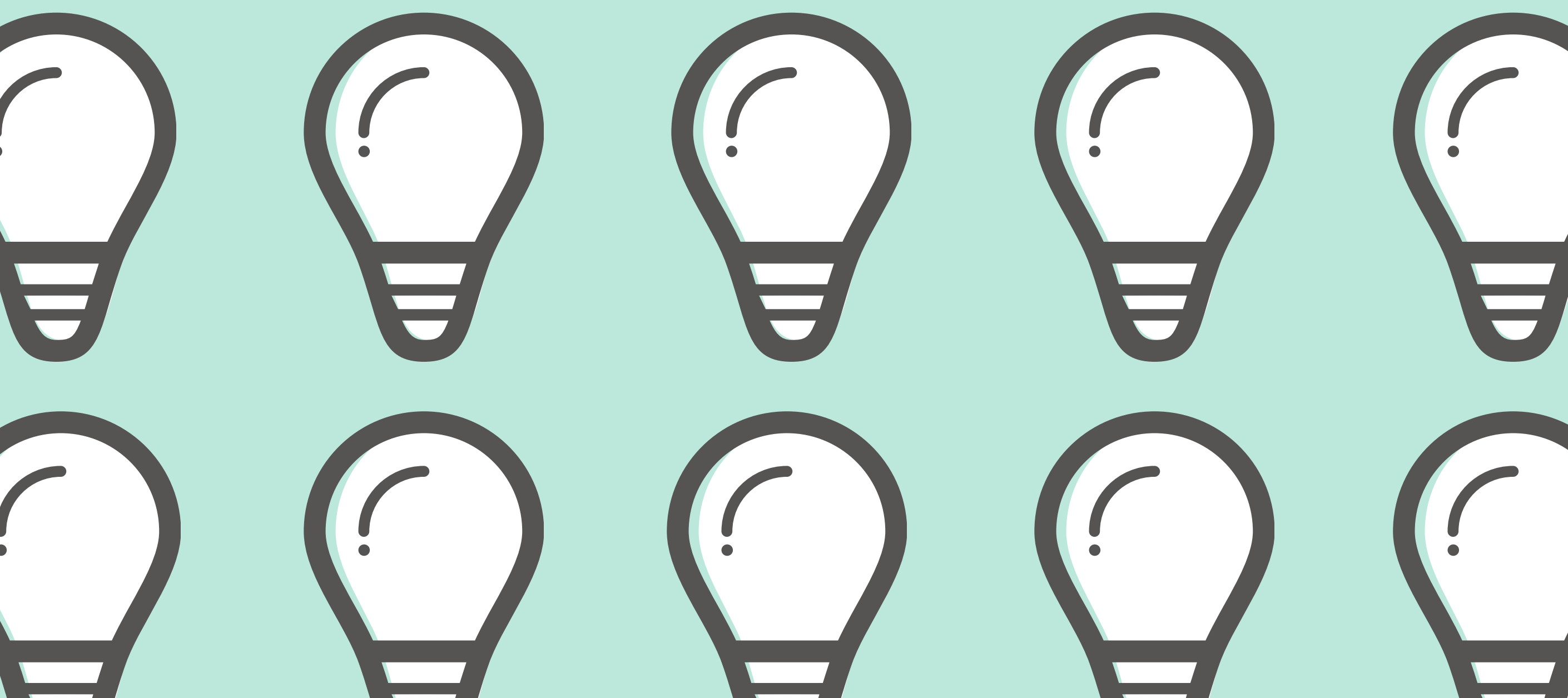


BRUNO VICENTE

MELHORE A PERGUNTA

Uma introdução ao Autoconhecimento





PREFÁCIO

A cabeleira longa e cacheada emoldurava o rosto doce, grandes olhos amarelos.

Sorriso fácil, largo e constante. Cara boa, de um jovem de vinte poucos anos, destemido e crédulo o bastante para acreditar na falácia de que a vida está sob controle de quem a vive.

Seguia orquestrando, como um regente, com a batuta em punho, seguro e confiante. Mas a vida, matreira como é, tem idas e vindas. Dá voltas.

E, em uma de suas muitas curvas, a reviravolta se deu. A certeza cedeu espaço pra dúvida, reverenciou e festejou sua chegada, dando-lhe morada em sua razão.

Que bom, aliás! A dúvida é sempre bem-vinda! Certeza demais é coisa de gente chata, que acha que já sabe e que não cabe mais interrogação em sua oração.

Ele não, era ingênuo, doce e confiante demais pra ser sabichão. Quem acha que sabe tudo, não confia em nada nem em ninguém, além de si mesmo. Ele confiava.





PREFÁCIO

A dúvida chegou e não veio só, trouxe consigo o questionamento e, com ele, formou uma dupla perfeita. Inseparáveis!

Seguem juntos até hoje, os três, sem sinal aparente de ruptura desse triângulo amoroso, tortuoso e muitas vezes tenebroso.

O tempo passou, voou! A cabeleireira encurtou, o sorriso glorificou e os olhos, ah! os olhos amarelos! Miram sempre o horizonte.

Seguem ligados, às vezes até um pouco esbugalhados, paralisados, vidrificados, considerando o ontem, mas em trânsito entre o hoje e o amanhã.

Ele não, não é mais aquele, não mesmoooo!
Mudou muito. Hoje desfruta da sua mais nova versão revista e ampliada.

E segue...
Ampliado, ampliando, amplamente!

Paula Maria



INTRODUÇÃO



Um dia, saí atrás de respostas.
Queria me descobrir e amadurecer.

Perguntei para os outros, procurei fora de mim,
seguí técnicas, testei de tudo um pouco.

Felizmente, não encontrei as respostas, mas sim,
aprendi a melhorar as perguntas. Mais que isso,
me abri para me olhar e acolher as minhas
verdades (e mentiras também).

Não somos prontos, vamos nos fazendo aos
poucos, então, se conhecer não tem ponto de
chegada, apenas de partida. E a cada nova
bisbilhotada em mim mesmo, me surpreendo com
o que posso descobrir.

Para falar, gosto de usar exemplos. Assim, se me
permitem, para este ebook, vou usar minha
própria história como pano de fundo.

Que seja uma boa companhia para você!
E desejo uma boa leitura!

Bruno Vicente





CAPÍTULO 1

**VOCÊ
ACREDITA
EM
SORTE?**





Certo dia, estava de boas no meu trabalho, quando um vídeo de youtube me pegou desprevenido: “O que você está fazendo agora, é o que realmente ama?”.

Paralisado, assisti àquelas cenas de pessoas felizes, engajadas e despojadas, trabalhando com o seu propósito e sendo colaborativas e viajando o mundo e fazendo o seu próprio horário e... Enfim, definitivamente não era o que eu estava vivendo naquele momento.

Era 2012, tinha meus vinte e poucos anos, trabalhava numa empresa que não gostava e que pagava mal, o que me levou a voltar a morar com meus pais, e, para fechar, estava apaixonado e terminaram comigo.

Nossa, que triste. Provavelmente alguém riu. Mas beleza, tamo aqui pra isso.

Obviamente, terminei o vídeo furioso e quebrei a sala toda em pensamento, pois sou de peixes e muita coisa em mim é em pensamento.

Pisando duro e com uma cara terrível, fui espaiar num bosque fora do prédio e repetia para mim mesmo: “Eu quero mais que isso! Não é essa vida que quero para mim!”

Bom começo, sabia o que não queria!
Mas o que queria, então?





E me pus a responder. Isso mesmo, me pus a responder. Na ânsia de descobrir logo o que era, perguntei de menos e embarquei na pressa de quem achava que não tinha mais tempo a perder.

Tentando aproveitar o que já tinha, sou formado em Engenharia, cai muito próximo do que já conhecia, e concluí: “Quero ter um pé na área acadêmica e trabalhar em consultorias”.

Brochante, não? Insatisfeito, sem grana e abandonado, depois de ver um vídeo de pessoas felizes e engajadas viajando o mundo, o mínimo era esperar algo como: “Vou fazer um mochilão!”, “Vou mudar de carreira!”, “Vou comprar roupas despojadas!”... Sei lá!

Mas ok, é importante começar com o que a gente acha que é.

Sendo assim, parti em busca das universidades e consultorias, me inscrevi em tudo, assisti as aulas, mandei os currículos, desenvolvi projetos, fiz as entrevistas e... consegui! Uhul!

Iniciei 2013 morando em São Paulo, na Vila Madalena, trabalhando numa Consultoria de Inovação e como Mestrando na Poli/USP. Cheguei exatamente onde queria!

Por sorte, um imprevisto criou uma brecha no meu planejamento.





CAPÍTULO 2

**A MELHOR
E A PIOR
DECISÃO
QUE TOMEI
NA MINHA
VIDA!**





No meio desse caminho de mudanças, fui passar um feriado num sítio e, por coincidência, lá conheci um grupo de pessoas que meditavam e falavam de energias e chakras.

Achei aquilo meio diferente e místico, numa mistura de descrença e curiosidade, mas uma pessoa me despertou o interesse. Sentado numa cadeira de plástico na piscina, um senhor sessentão cheio de vida contava suas histórias com uma elegância, bom humor e sabedoria que me inspiravam confiança e admiração. Sentei ali no chão e fiquei a ouvi-lo e a rir com todos.

Acabei me juntando ao grupo e me abri a experimentar umas meditações, e BUM!, senti coisas que nunca tinha sentido antes na vida! Parecia que, pela primeira vez na vida, tinha me sentido de verdade.

Fantasia ou não, fato é, tinha descoberto algo que não conhecia sobre mim e me questionava sobre: “O que mais deve existir, então?”, “O que mais não sei sobre mim?”.

Voltei para Sampa e, para minha surpresa, algo tinha mudado.



Lembro de estar na sala de aula e olhar para aquelas pessoas sentadas em filas indianas, vestidas de social e com um ar de cansadas, ruminando conceitos e problemas que eu não achava mais tão interessantes assim.

Nas reuniões do trabalho, aqueles projetos e desafios também já não pareciam ser tão importantes, tudo era sério demais, divertido de menos.

Minha cabeça estava em outro lugar. Minha vontade real era de colocar todo mundo pra dançar, levantar das cadeiras, colocar um sorriso no rosto, interagir uns com os outros! Queria colocar mais vida naquilo tudo! O importante para mim, naquele momento, era ser feliz, fazer aquilo que você tinha tesão de fazer, desapegar dos protocolos sociais que nos seguravam, deixar tudo mais solto e sermos mais livres!

Fiquei num desassossego danado. Estava passando pela minha cabeça a ideia de largar tudo aquilo e seguir para algo que estava realmente me vibrando: olhar mais pra mim, me conhecer melhor e desbravar o novo! “Não é possível!”, pensava, “Não cheguei onde eu mais queria na vida? Como assim, largar?”.

Com a cabeça a mil, tentava colocar as coisas no lugar: “Qual ideia me apetece mais?”, “O que o novo pode me trazer?”, “O que eu vou perder indo?”, “O que eu vou perder ficando?”, “O que que quero?”. Não tava rolando, levantar os prós e contras só aumentava as minhas dúvidas...





Paralisado pela indecisão (ou por medo de aceitar a resposta ou por medo de errar ou por dificuldade em me responsabilizar sozinho por aquela decisão), procurei aquele senhor da piscina para trocar uma ideia, o velho Shi.

Nos encontramos e, sentados num banco, expliquei o que estava acontecendo e perguntei: “O que você acha? O que é que eu faço?”. Ele deu uma pausa, olhou para o horizonte, respirou e me devolveu: “Eu sei lá! Vai se fud*! Faz o que você quiser!”. E levantou e foi embora. No estilo Mestre dos Magos, me deixou sem respostas e sumiu por trás de uma moita.

Agradeço até hoje sua sabedoria em me jogar de volta o meu poder de decidir sobre a minha própria vida.

Não sei para vocês, mas, às vezes, na vida, as coisas acontecem muito bem na nossa cabeça, mas não funcionam na realidade. Eu queria querer aquilo que tinha planejado para mim, mas...

Numa noite, sentado em frente ao computador, lendo e não absorvendo nada, com uma inquietude que não me deixava estudar, percebendo com cada vez mais clareza que não era aquilo que queria, parei de lutar: me liberei de mim mesmo e larguei tudo!

Uma das sensações mais libertadoras da minha vida!





CAPÍTULO 3

**TUDO
COMEÇA
COM UMA
PERGUNTA?**





O dia seguinte começou mais leve e, com um sorriso estampado no rosto, que se recusava a se desfazer, juntei minhas coisas numa mochila e parti: “Legal! Agora vou me conhecer! Por onde começar?”

Mandei um email para o velho Shi. “Olá. Decidi me conhecer melhor. Larguei tudo e tô indo pro sítio.” E ele me respondeu: “Legal, tô indo pra lá também.”

Passado alguns dias, nos encontramos, fiquei bem feliz em vê-lo. Para a minha surpresa, ele levou muitos, mas muitos livros e filmes. E começou: “Leia esse, veja aquele. “Pega esse aqui também, mas só os primeiros capítulos, os demais não acrescentam nada.”

Fui ficando muito empolgado com aquilo tudo! Estava entrando no terreno da filosofia e humanidades, ciência e religião, tanto ocidental como oriental. Ainda, pelas manhãs, praticava atividades corporais e meditações, como lian gong, zazen, meditações taoístas e outras mais.

Certo dia, sentados à mesa depois de um café, ele me perguntou:

- Por que você decidiu romper com a sua carreira? Por que está fazendo o que está fazendo?
- Porque quero me conhecer! - respondi animado.
- Não, não é isso. - disse ele.



Com os olhos arregalados do susto que tomei, ia começar a argumentar, mas ele emendou rapidamente:

- Você é muito mental. Faz assim, se pergunte mais e não se conforme com as respostas. Quero que você vá além e encontre a maior quantidade possível de respostas diferentes para essa pergunta. Se pergunte até que as respostas comecem a vir do seu estômago.

Não entendi, óbvio. E não deu tempo de perguntar o que era aquilo, porque, como vocês sabem, ele levantou e sumiu por trás de uma pedra.

Bom, na dúvida, tentei. Me pus a perguntar, responder, não me conformar com a resposta e a perguntar de novo:

- Por que estou fazendo o que estou fazendo?
 - Porque quero me conhecer!
- Legal, o que mais? Por que estou fazendo o que estou fazendo?
 - Porque foi o que o meu coração mandou!
- Ótimo, mas por que estou fazendo o que estou fazendo?
 - Porque quero amadurecer!
 - Porque quero descobrir mais de mim!

E era isso. Aff!




Estava respondendo muito dentro do esperado. Me perguntava de novo, mas vinham as mesmas respostas. Estava analisando demais, tentando encontrar a resposta certa e bonita e aceitável e... “Quer saber?”, falei pra mim mesmo, “Não é para ser o máximo de respostas diferentes possíveis? Então, bora lá, deixa vir! Não julga, não pensa e deixa as ideias saírem pro papel!”. E fui:

- Por que estou fazendo o que estou fazendo?
 - Porque quero viver uma vida que não conheço!
 - Porque quero passar por dificuldades para descobrir meu verdadeiro eu!
 - Porque quero ser livre!
 - Porque não quero ter responsabilidades!
 - Porque não queria aquela vida!
 - Porque não sei o que eu quero!
 - Porque quero que algo externo me diga quem sou eu e me mostre o que devo fazer!
 - Porque não queria mais morar na casa dos meus pais!
 - Porque não queria mais trabalhar como engenheiro!
 - Porque é incrível ser o cara que rompeu com uma vida certinha e dentro dos padrões!...

E assim, entrei num exercício diário e contínuo, era de dia e de noite, sonhando ou acordado, andava com um caderno ao lado, buscando ir além e registrar as respostas inéditas.





Até que, passado vários dias, muitas horas e centenas de respostas, comecei a entrar num movimento atordoante, compulsivo e enlouquecedor!

Sem pensar muito, virava as páginas e escrevia intensamente sem avaliar se já tinha respondido aquilo ou não. Minha vontade era responder, responder o que vinha!

Minha cabeça já começava a pifar, era como se não conseguisse pensar em mais nada, tinha travado, paralisado, dado bug! A única coisa que ouvia era “Para, já tá bom! Não tem mais respostas!”.

Mas não queria parar. Respirava e perguntava de novo: “Por que estou fazendo o que estou fazendo?”. “Não sei! Não sei!”, essa era a última alternativa que me vinha agora repetidamente.

Fiquei puto! Joguei os papéis contra a parede e comecei a gritar e a xingar alto! Esbravejava “Não sei! Não sei!”, balançando os braços e socando o ar. Não tinha mais respostas, não vinha mais nada.



Estava furioso, quando, num lapso, como que tomado por um impulso, peguei um papel qualquer pela frente e me lancei a jogar nele tudo o que vinha de dentro de mim.

Começava a vomitar as verdades mais absurdas e vis que não acreditava serem possíveis de se pensar ou sentir.

Sem me julgar, inebriado numa sensação intensa e deleitante, via desenhar-se no papel o mais detestável e feio do humano.

Numa mistura de espanto e prazer, sentia o sabor daquelas palavras que passavam pelos meus olhos, que sussurrava pela minha boca.

Descobrir que aquilo também era meu, movimentava o meu corpo!
Finalmente, minhas vísceras respondiam por mim!

Claro, por orgulho, essas respostas eu não vou compartilhar com vocês.



Saí do quarto rindo alto!
Estava todo desgrenhado, meio fora de mim
e ria, ria muito!

Trombei com o Shi na saída e fui cambaleante
tentar explicar o que tinha acontecido,
mas apenas ria, ria gostoso!

A permissão de me mostrar abertamente
para mim mesmo, ultrapassando o filtro
dos meus julgamentos, mexeu demais comigo.



CAPÍTULO 4

**PRA TUDO
, NA VIDA,
HÁ PELO MENOS
DOIS LADOS**





Passei mais algumas semanas com o Shi. Discutíamos e refletíamos sobre as coisas mais diversas, como: a existência de Deus, como silenciar a mente, a consciência da morte e, também, do que as mulheres mais gostavam, como andava o campeonato de futebol e quem ganharia as próximas eleições presidenciais. Gostávamos também de assistir aos filmes do Monty Python.

Minha grana era curta, como sabem, e, para me manter no sítio, entrei numa troca de estadia e comida por trabalho. Assim, virei um faz-tudo. Ajudava nas obras, apoiava na cozinha, alimentava os animais, limpava a piscina, cuidava da horta... enfim, de tudo um pouco, na maior felicidade!

Estava tudo indo às mil maravilhas, até que um dia chegou uma pessoa que acabaria com a minha paz.

Confesso que, de primeira, já não fui muito com a cara dele. Ele não tinha feito nada, e nem precisava, pois o fato dele existir já me irritava.

E, claro, conforme passavam os dias, ia encontrando cada vez mais motivos para justificar e reforçar o meu incômodo. Ele ajudava também, pois humilhava e agredia as pessoas à sua volta com uma facilidade e bom gosto que me deixavam espantado.





Passei a observá-lo cada vez mais de perto e, a cada palavra infame que ele soltava, já pensava comigo: “Nossa, como ele fala besteira!”, “Será que ele não tem medo de passar vergonha?”, “As pessoas estão rindo, mas estão é rindo da cara dele, certeza!”, “Como é burro!”.

E mais, vocês não sabem, tinha gente que gostava dele! Sim, acreditem! E, ainda por cima, teciam elogios a ele na minha frente: “Nooossa, como ele é bomzinho!”, “Ah sim, ele é um fofo!”, “Ele tem uma presença, né?”.

Nooooossa, mas que raiva eu sentia! Olhava boquiaberto para aquelas pessoas e pensava: “Meu deeeeeeeus! Não é possível! Você é imbecil? Não vê o que ele faz? O que ele fala?”.

E quando o via feliz? Noooooossa, como a felicidade dele aumentava a minha infelicidade! Desejava fortemente que ele sofresse com requintes de crueldade! Tipo, descer num escorrega de gilete e cair numa piscina de álcool! (ok, um requinte meio infantil de crueldade, mas dá pra entender)

Bom, a raiva que sentia daquele ser foi consumindo tanto a minha vida, que agora meus papos com o Shi giravam basicamente em torno daquela pessoa que eu odiava.



Eu fofocava e falava mal, tentando com todas as minhas forças explicar e convencê-lo de como aquela pessoa era repulsiva (como fiz com vocês há pouco). Mas o velho não movimentava a expressão, ele não estava caindo na minha, o que me deixava mais furo! Até que, em algum momento, ele me disse:

- Um dos ensinamentos mais comuns nas filosofias e religiões é “não julgar”. O que é muito difícil, porque julgamos tudo. Qualificamos as coisas a todo o momento entre bem e mal, certo e errado, pode e não pode, conforme os nossos olhares e valores. E tudo bem. Mas, quer dizer, já que é pra julgar, então julgue, mas julgue tudo. Para tudo na vida, há pelo menos dois lados.


Estava irritado e queria ele do meu lado. “Você tá defendendo o cara? É isso?”, pensava. Mas o que falei mesmo foi “Beleza!”, cruzando os braços e me fechando, na tentativa de colocar um ponto final naquele assunto. Mas o Shi não desistia fácil, e veio de novo:

- Por exemplo, o que essa pessoa tem de tão ruim? Identifique e me conte os aspectos mais negativos dela.

“Nooooossa!”, pensei, “Vou te provar como essa pessoa é asquerosa! Olha só!”. E, com um rosto iluminado, comecei a falar:

- Ele humilha fulano, tal dia xingou sicrana, é preconceituoso, tal dia fez beltrana chorar!... E dinheiro! Tudo pra ele é dinheiro! E mais,...





E continuei até me exaurir, buscando mais ar e palavras, na tentativa de colocar para fora tudo o que sentia. Estabelecido o silêncio, o velho retomou:

- Ótimo, muito bom! Agora, levante os aspectos mais positivos dele, na mesma proporção e número dos aspectos negativos. Quer dizer, não vale me falar: ele é grosseiro e humilha as pessoas, mas se veste bem. Não. Tem que ser algo admirável na mesma medida.

- O quê?! - disse perplexo. Algo de bom? HA-HA! Não existe! Essa pessoa é terrível! Não tem nada de bom! Não admiro nada nela!

- Entendo. Mas vale você perceber se ganha ou não energia alimentando essa raiva e brigando com essa pessoa. Além disso, provavelmente essa pessoa tem algum defeito que você também tem e não gosta, ou ela tem alguma qualidade que você não tem e quer ter.

Definitivamente, não era isso que queria ouvir. Queria o velho me dando razão e me ajudando a criticar mais aquela pessoa, sabe? Tipo quando a gente começa a criticar outro, aí alguém fala de mais um aspecto ruim e aí a gente se empolga juntos, falando mal do outro e nos sentindo melhor que ele e sendo os donos da razão, sabe? Então, mas não foi isso que consegui.



Saí daquela conversa contrariado e bufando. Dessa vez, fui eu quem levantei e tentei sumir detrás de uma árvore. Mas uma coisa era certa, realmente perdia muita energia naquele conflito, ficava realmente exausto.

Nos dias seguintes, até tentei encontrar algo de positivo no homem, mas nada. O negativos sim, eram fáceis! Até aumentavam! Mas os positivos, bem, estavam impossíveis.

Encontrando o Shi aos acasos, ele soltava para mim, gargalhando:

- Um dia você ainda vai colocar a foto dele num altar, agradecendo por ele ter feito parte da sua vida e pelo que ele te ensinou!

“Sim, vou colocar uma foto dele num saco de pancadas, pra arrebentar aquele nariz escroto!”, pensava, mas não falava isso, óbvio, era educado demais para expor uma coisa dessas. Para me sair bem, devolvia um sorriso amarelo.

Não demorou muito e o homem foi embora do sítio. Deixaria vago meu espaço de reclamação, não fosse minha cabeça a imaginar e reproduzir as cenas mais marcantes, onde, dessa vez, eu falava o que queria ter dito e tomava as ações que queria ter tomado.



Demorei anos para conseguir encontrar o positivo naquele que não gostava. Mas nada como a passagem do tempo, pra gente perceber que reproduz aquilo que mais criticamos nos outros.

Identificado nossos primeiros pontos em comum, como a arrogância e o orgulho, me abri para encontrar aquilo que era admirável.

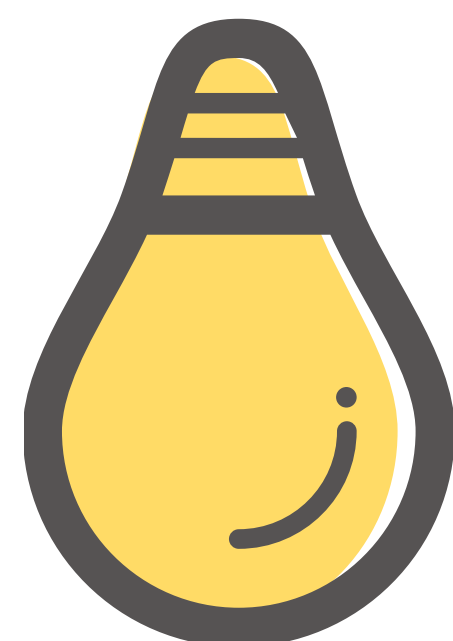
Pouco a pouco, fui reconhecendo que invejava e queria ter para mim a mesma força e centramento que ele tinha para lidar com conflitos, assim como o “punch” que trazia para resolver situações difíceis e complexas que ninguém topava encarar.

Claro, isso não quer dizer que passei a concordar com ele, mas sim, que ao observar o que ele provocava em mim, aprendi mais sobre mim mesmo. Engraçado como que, para aprender a lidar com as pessoas, antes de tudo, é importante aprendermos a lidarmos com nós mesmos, não?

Foi bem difícil olhar para mim e constatar que eu não era tão bom, honesto, incrível e generoso como imaginava.

A aceitação costuma ser o passo mais difícil para o autoconhecimento.

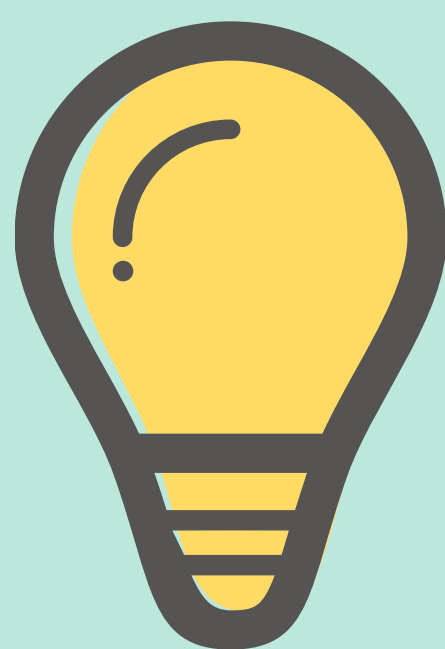
Bom, não cheguei a colocar uma foto dele num altar, mas também não a coleí num saco de pancadas. Mas taquei no fogo! haha Brincadeira, sem fogos.





CAPÍTULO 5

**É MELHOR SABER
OU
DEIXAR PRA LÁ?**





Foi numa tarde de sexta que o Shi me chamou e disse:

- A Paula está vindo aí! Deve chegar amanhã! Ele estava sorrindo e eu, sem entender nada, perguntei:

- Quem é Paula?

- A Paula! Ela estava aqui naquele final de semana!

- Não, não tinha nenhuma Paula aqui.

- Bom, você vai gostar dela! Você vai ver!

A tal da Paula demorou uns 7 dias pra chegar, pois era bem enrolada. Ela chegou numa noite fria e chuvosa, cheia de malas e falando alto e rindo tão alto quanto. Surpreso, pensei comigo mesmo: “É dessa mina que eu vou gostar?”.

Não demorou muito, na verdade, já na manhã seguinte, tínhamos virado melhores amigos! Passamos a fazer tudo juntos no sítio, em especial, conversar e ouvir o Shi.

A gente não batia bem da cabeça, então, quando nos juntamos, criamos força e começamos a dar vazão às expressões mais vivas que tínhamos!

Iniciamos por pintar os cabelos das cores mais diferentes possíveis a cada semana e a cortá-los de uma maneira, digamos, não convencional.

Não, não há fotos para comprovar esse momento tenebroso, o que deixa espaço para você que nos lê viajar na sua imaginação, além de me privar de passar por esse constrangimento.





Nos vendo a cada dia com um cabelo diferente, o Shi nos perguntou:

- Qual o Projeto?

A gente riu, achando engraçado a reação do velho e respondi:

- Nada. Eu me sinto bem assim!

- Entendo. Mas é importante você saber o que quer quando você quer o que quer.

- Oi?! - o Tico e Teco não tinham conseguido acompanhar a ideia.

- Acho que vale termos consciência dos nossos motivos. Ter clareza do que buscamos com nossas ações, do que está por trás delas, entende?

- Ah sim, vou pensar melhor nisso.

Menti, claro. Não tinha a menor pretensão de olhar para aquilo. Estava tão bom viver daquele jeito, que, quer saber, não me importavam os motivos.

E sim, não sou bom em mentir. Quer dizer, faço uma cara de paisagem esquisita quando minto, então, é muito fácil me pegar. Sendo assim, o velho percebeu e logo lançou:

- Acho que você quer é chocar as pessoas e chamar a atenção.

“O quêêê?”, pensei, boquiaberto, com uma cara que também entregava a minha surpresa, indignação e discordância. O velho riu.





Bom, terminamos o nosso papo ali e, carregando a minha falta de competência em enganar as pessoas, fui comer alguma coisa, pois com fome não se brinca.

Paula chegou logo em seguida na cozinha e, enquanto recheava um pão com bastante queijo, falava baixinho pra ela:

- Eu não quero chocar as pessoas! Eu quero ser livre!
- Ah sim! Mas pintar os cabelos de azul também chama a atenção das pessoas. - disse ela. Alto.

Não gostei. Estava tão incrível acreditar que minha atitude era a mais bela expressão de liberdade! Fazer o que fazia para chamar a atenção ou chocar as pessoas não era aceitável. Era feio e ia contra os meus valores e as minhas crenças!

Enquanto encarava a Paula com os olhos arregalados, ela roubou o meu pão e virou de costas, soltando um "Hun!".

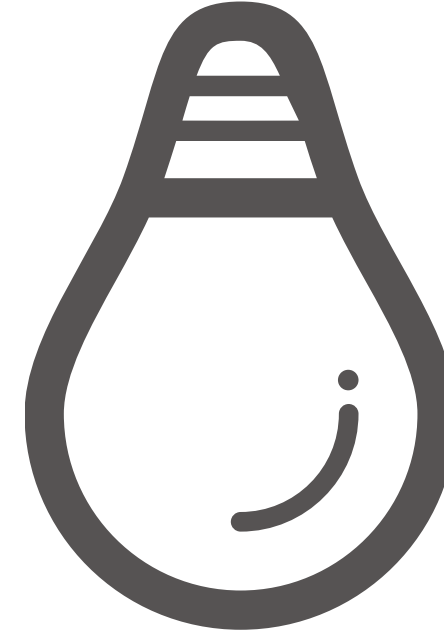
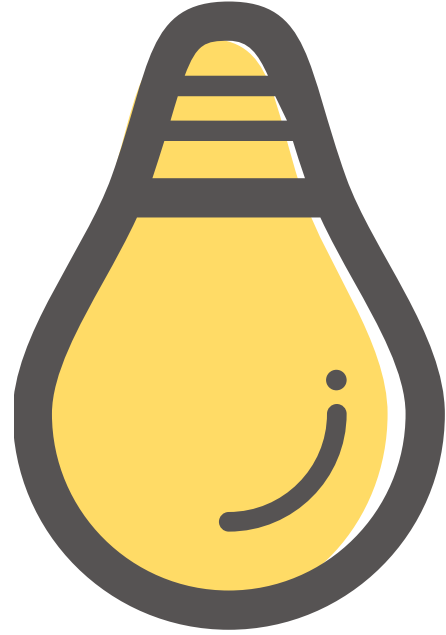




Procurei não olhar para aquilo por alguns dias, mas o Tico e o Teco da minha cabeça insistiam em entrar num acordo:

- Veja bem, ignorar os seus reais motivos, não significa que eles vão deixar de existir, apenas que você não os conhece. Mas eles continuam lá.. e te influenciando de alguma forma. - disse o Tico.
- Mas e se eu descobrir que meu motivo é imbecil ou errado? Se não for algo que concorde e aceite, terei de mudar minha atitude, terei de parar o que estou fazendo e fazer algo que seja certo e coerente! Eu não quero parar de fazer o que faço! - disse o Teco.
- Olha, você tem três opções: UM: não olhar e viver na ignorância, continuando a fazer o que faz, sem saber o porque e vivendo nas suas próprias ilusões,...
- Isso me parece bom! Muito bom! Podemos parar por aqui? - interrompeu o Teco.
- DOIS: olhar, ter maior clareza dos seus porquês, se aceitar como você é e o que quer e decidir com consciência se vai continuar agindo como age ou não, mas conhecendo o que realmente te move. - concluiu o Tico.
- E a terceira opção? - perguntou o Teco.
- Não tem. Achei que ia dar três, mas enfim...





Me sentindo sem saída, me abri para saber:

- Ok... faço o que faço, pois, por mais torto e esquisito que pareça, essa é a minha forma de me expressar. Quero pintar os cabelos desde a minha adolescência, e nunca me permiti. É besta, eu sei, mas isso me movimenta até hoje e, veja só, é importante para mim! É o meu primeiro passo! Minha primeira permissão! Eu me sinto livre! Livre de todos os não posso e não devo que imprimia para mim mesmo. Livre para ser ridículo e também para chamar a atenção. E sabe-se lá quais outras vontades não despertarão! O que mais tem por vir? Seja o que for, eu não vou me impedir de novo.

Na verdade, não tinha essa clareza na época, pois escolhi a primeira opção do Tico. Essa é minha resposta de hoje, tentando voltar no tempo e traduzir o sabor do que ficou.

Naquele tempo, eu segui sem saber, sem conhecer. Quer dizer, lá no fundo eu devia ter uma ideia, mas era orgulhoso demais para aceitar um motivo adolescente. Hoje eu acho bonito. Há poesia.

Claro, o que teria acontecido se tivesse olhado? Teria me tolido? Teria feito diferente? Teria procurado mais vontades escondidas?

Não sei. E nunca vou saber. A gente só conhece as dores e as alegrias das escolhas que fizemos, da vida que vivemos.

E qual é, então, a vantagem de saber?
Provavelmente, a gente dá menos voltas, perde menos tempo, caminha mais apaziguado e não fica apegado ao que poderia ter sido.

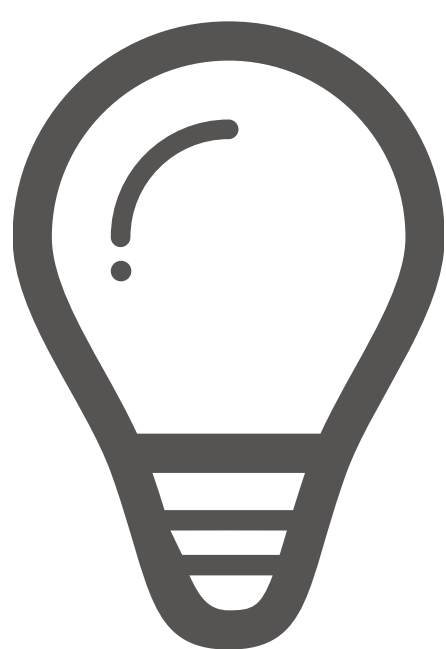
Ficamos mais alguns dias no sítio e, em mais uma noite fria, deitados no terraço e olhando para o céu estrelado, Paula me pergunta:

- E aí, qual o Projeto?
- Não sei. Só sei que quero saber mais de mim. Quero saber tudo o que dá para saber, sabe?
- Sei. Eu também quero isso.

E continuamos ali, silentes, quase que conseguindo ouvir o batimento acelerado do coração um do outro.

No dia seguinte, encontramos o velho e contamos a novidade:

- Shi, vamos viajar juntos pelo país, experimentando tudo o que existe para nos conhecer mais e amadurecermos! - eu disse.
- Bom, muito bom! Estou voltando para São Paulo essa semana também. Vocês sabem onde um moro, então, não demorem a me visitar, pois sentirei saudades! - disse ele.



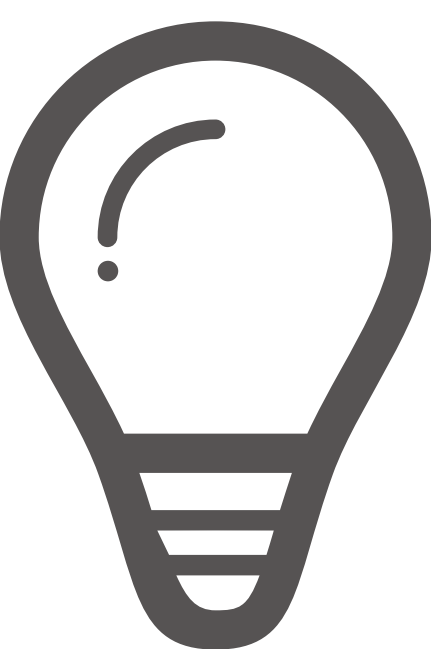


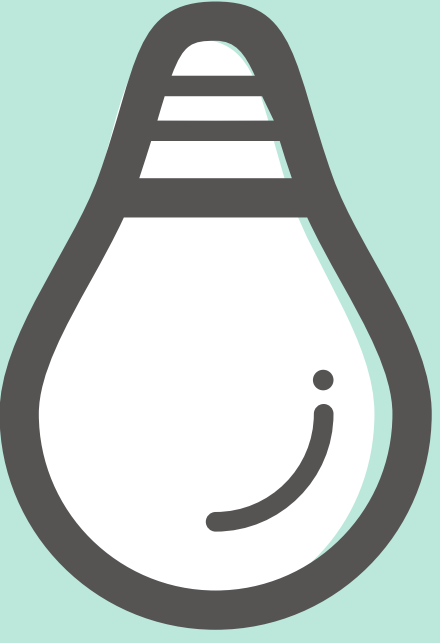
E assim foi.

Viajamos o país e, entre idas e vindas, visitávamos o Shi.

Não sabia, mas ali dava início a uma vida com a Paula, que, para a minha felicidade, ainda compartilha dos mesmos quereres comigo.

E o Shi? Continua a nos ouvir, acolher e orientar, com a sabedoria e a beleza, no olhar e nas palavras, esbanjando amor e gargalhadas ;)





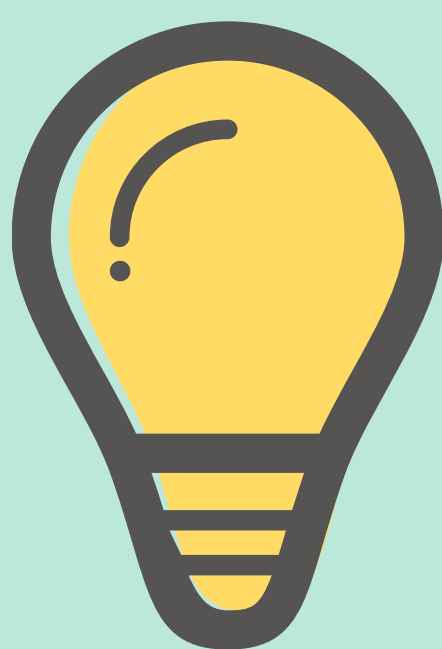
OBIGADO

A você que chegou até aqui, meu muito obrigado!

Espero que tenha curtido e que tenha te estimulado e ajudado a melhorar pelo menos uma de suas perguntas.

Até mais,

Bruno Vicente





O AUTOR

Bruno Vicente é co-fundador do Eu Quero Eu Crio e conduz as pessoas a manifestarem a melhor versão de si. Buscando o amadurecimento, deixa um "futuro brilhante" para mergulhar numa jornada de Autoconhecimento. Ao invés de respostas, felizmente, aprende a melhorar as perguntas. Também é formado em Engenharia de Produção pela UFSCar, com especializações em desenvolvimento humano e pós-graduação em Filosofia e Autoconhecimento pela PUCRS.

www.euqueroeucrio.com.br

